

DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS

Lívia Rodrigues Lacerda ¹
Karollainy Dantas Sousa ²
Rafaella Galdino de Sousa ³
Neurilene da Silva ⁴
Edinaura Almeida de Araújo ⁵

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de vivências no contexto escolar observadas no âmbito do PIBID. As situações analisadas revelam desafios como o desinteresse dos alunos, defasagem na aprendizagem, falta de continuidade nos métodos de ensino e escassez de materiais pedagógicos adequados. A partir da observação e atuação em sala de aula, buscou-se identificar e compreender as principais dificuldades enfrentadas pelas crianças, especialmente considerando que muitas não chegam à escola com as mesmas oportunidades de acesso à linguagem escrita, o que contribui para o desequilíbrio no processo de alfabetização. Também foi possível analisar como essas condições impactam o ritmo e o desenvolvimento da aprendizagem, evidenciando a necessidade de intervenções pedagógicas diferenciadas. Nesse sentido, dialoga-se com as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), que evidenciam a importância de considerar as hipóteses das crianças sobre a escrita, deslocando o foco do ensino para a aprendizagem e valorizando os conhecimentos prévios dos alunos. Magda Soares (2022) complementa esse olhar ao afirmar que a alfabetização é um processo complexo, que deve estar articulado ao letramento e à inserção do sujeito nas práticas sociais da leitura e da escrita. O referencial adotado destaca a necessidade de práticas pedagógicas contextualizadas, que respeitem o tempo de aprendizagem de cada criança e promovam um ambiente alfabetizador significativo, além de ressaltar a relevância da formação docente continuada, do planejamento pedagógico e da escuta atenta às necessidades dos alunos para enfrentar as dificuldades no processo alfabetizador. O presente relato propõe-se a contribuir para a compreensão e reflexão acerca dos desafios que permeiam o processo de alfabetização.

1 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, livia.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br;

2 Graduada pelo Curso de Pedagogia da da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, karollainy.dantas@estudante.ufcg.edu.br;

3 Graduada do Curso de Pedagogia da da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rafaella.galdino@estudante.ufcg.edu.br;

4 Professora da Unidade Acadêmica de educação. UAE/CFP/UFCG, Doutora em Educação - UFPB; edinaura.almeida@professor.ufcg.edu.br

5 Professora da EMEIEF Cecília Estolano Meireles, Licenciatura em pedagogia pela Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP
neurilenes233@gmail.com



Palavras-chave: Alfabetização, anos iniciais, dificuldades, aprendizagem, letramento.



INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui um dos pilares do processo educativo nos anos iniciais e tem sido amplamente discutida por diferentes autores que reconhecem sua complexidade para além da mera apropriação do código escrito. Ferreiro e Teberosky (1999) evidenciam que a aprendizagem da escrita envolve a construção ativa de hipóteses pelas crianças, que interpretam e reorganizam o sistema linguístico com base em suas experiências sociais. Complementarmente, Soares (2022) argumenta que alfabetizar implica também letrar, ou seja, inserir os sujeitos em práticas reais de leitura e escrita, de modo que a aprendizagem faça sentido em seu contexto sociocultural.

Nesse cenário, compreender como as dificuldades se manifestam no processo de alfabetização torna-se fundamental para repensar práticas pedagógicas. Este relato tem como objetivo refletir sobre os desafios enfrentados por crianças dos anos iniciais durante o processo de alfabetização, com base em experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A experiência foi desenvolvida por meio de observações sistemáticas em turmas do Ensino Fundamental I, permitindo identificar situações recorrentes, como o desinteresse dos alunos diante das atividades escritas, a defasagem em relação ao reconhecimento das letras e à consciência fonológica, bem como a dificuldade de acompanhar propostas coletivas de leitura.

As observações revelaram que muitos estudantes não chegam à escola com as mesmas oportunidades de convívio com a linguagem escrita, o que gera disparidades significativas no ritmo de aprendizagem. Tais constatações reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas que considerem o nível de compreensão de cada criança, como defendem os referenciais construtivistas e sociointeracionistas. Desse modo, refletir sobre essas experiências permite compreender que as dificuldades não decorrem apenas de limitações individuais, mas também de fatores estruturais, metodológicos e socioculturais que atravessam o cotidiano escolar. Assim, a presente discussão busca contribuir para o aprimoramento das práticas alfabetizadoras, destacando a importância da escuta sensível e do planejamento pedagógico intencional como meios de promover uma aprendizagem significativa.



METODOLOGIA

A metodologia deste relato baseia-se em uma abordagem de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de observações sistemáticas realizadas em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), associadas à pesquisa bibliográfica sobre alfabetização, letramento e desenvolvimento da escrita. As observações foram conduzidas durante atividades de leitura, escrita e oralidade, permitindo acompanhar o desempenho dos alunos em situações reais de sala de aula, sem interferência no planejamento docente. Paralelamente, foram realizados estudos de autores como Ferreiro e Teberosky (1999) e Soares (2022), com o objetivo de fundamentar teoricamente as análises realizadas. A interpretação dos dados deu-se de forma articulada entre prática e teoria, buscando compreender as dificuldades apresentadas pelas crianças à luz dos referenciais adotados.

CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização é um processo complexo, que vai muito além do simples domínio do código escrito. Ela envolve compreender a função social da língua e as diferentes formas de uso da leitura e da escrita no cotidiano. Ferreiro e Teberosky (1999) destacam que as crianças constroem hipóteses sobre a escrita a partir das experiências que vivenciam e das interações sociais que estabelecem, ou seja, aprendem de maneira ativa e reflexiva. Para as autoras, “a escrita é um objeto de conhecimento que a criança constrói progressivamente, formulando hipóteses e reorganizando-as à medida que entra em contato com novas informações” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 23). Essa concepção rompe com a visão tradicional de que o aluno apenas reproduz o que o professor ensina, mostrando que ele participa ativamente da construção do próprio aprendizado. Assim, o erro passa a ser visto como um indicador do pensamento infantil e uma oportunidade para o professor compreender o que a criança já sabe e o que ainda precisa descobrir sobre o sistema de escrita.



Desse modo, o trabalho do professor nos anos iniciais é de extrema importância, pois ele é o mediador entre o conhecimento que a criança traz de casa e o conhecimento sistematizado que a escola oferece. Martins Filho et al. (2012) afirmam que o professor alfabetizador precisa ter um olhar atento e sensível às produções dos alunos, buscando entender o raciocínio que os leva a determinadas escritas e leituras. O docente deve atuar com intencionalidade pedagógica, criando situações de aprendizagem que favoreçam o avanço das hipóteses das crianças sobre a escrita e promovam o contato com diferentes gêneros textuais e práticas sociais de leitura. Como destacam os autores, “a atuação do professor deve ser pautada pela observação e pela intervenção planejada, de modo a favorecer o desenvolvimento das capacidades leitoras e escritoras” (MARTINS FILHO et al., 2012, p. 47). Assim, o professor não apenas ensina letras e sílabas, mas cria condições para que o aluno compreenda o funcionamento e o propósito da linguagem escrita em seu contexto social.

Na contemporaneidade, as discussões sobre alfabetização se ampliam com as contribuições de autores que trazem o conceito de letramento e multiletramentos, como Batista (2022), que entende que aprender a ler e escrever deve estar articulado à inserção do aluno nas práticas sociais de linguagem. O autor explica que, na sociedade atual, marcada pela presença das tecnologias e pela diversidade de formas de comunicação, alfabetizar exige também preparar o sujeito para interagir criticamente com os diferentes textos que circulam no seu cotidiano. Nesse sentido, Batista (2022, p. 85) afirma que “as práticas de leitura e escrita na escola devem dialogar com os diferentes contextos sociais e tecnológicos que fazem parte da vida dos estudantes”. Assim, o ensino da leitura e da escrita precisa estar conectado à realidade dos alunos, explorando materiais significativos, como histórias, rótulos, bilhetes, músicas e recursos digitais, para que o processo de alfabetização faça sentido e desperte o interesse das crianças.

Ao relacionar essas perspectivas teóricas com as vivências observadas em sala de aula, é possível perceber que as dificuldades no processo de alfabetização muitas vezes não estão apenas nas limitações individuais das crianças, mas também nas práticas pedagógicas adotadas e nas condições de ensino oferecidas. Ferreiro e Teberosky (1999) reforçam que toda criança é capaz de aprender, desde que lhe sejam dadas oportunidades de refletir e participar ativamente do processo de construção da escrita. Quando a escola não valoriza os



conhecimentos prévios dos alunos e trabalha de forma homogênea, desconsiderando o ritmo e o nível de compreensão de cada um, as dificuldades tendem a se acentuar. Dessa forma, é essencial que o professor planeje atividades diversificadas, contextualizadas e desafiadoras, que respeitem o tempo de cada criança e estimulem o pensamento sobre a língua.

Além disso, o desenvolvimento da alfabetização deve estar ligado à formação contínua dos professores, pois é através da reflexão sobre a prática e do estudo de diferentes referenciais teóricos que o docente pode aprimorar suas estratégias de ensino. Martins Filho et al. (2012) apontam que a formação docente precisa valorizar o papel investigativo do professor, permitindo que ele compreenda o processo de aprendizagem de forma crítica e consciente. Quando o professor se coloca como pesquisador da própria prática, ele passa a compreender melhor as dificuldades dos alunos e a buscar alternativas pedagógicas mais eficazes. Essa postura reflexiva é fundamental para superar práticas tradicionais e adotar metodologias que estimulem o protagonismo infantil no processo de alfabetização.

Portanto, o ato de alfabetizar e letrar deve ser entendido como um processo integrado, que envolve o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças. A partir das contribuições de Ferreiro e Teberosky (1999), Batista (2022) e Martins Filho et al. (2012), percebe-se que a alfabetização não é apenas o aprendizado do código, mas uma etapa essencial para a inserção dos sujeitos no mundo letrado. O desafio da escola é garantir que todos tenham acesso a práticas de leitura e escrita significativas, que despertem o prazer em aprender e que considerem as experiências e os saberes que cada aluno traz. Assim, o professor se torna um agente transformador, capaz de promover uma aprendizagem mais humana, crítica e emancipadora.

A importância do professor nos anos iniciais

O papel do professor nos anos iniciais é fundamental para o sucesso do processo de alfabetização, pois é nesse período que se constroem as bases da leitura e da escrita. O docente é o principal mediador entre o conhecimento que a criança já possui e o novo saber que será construído no ambiente escolar. Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que o professor precisa compreender as hipóteses formuladas pelas crianças sobre o sistema de





escrita e, a partir delas, planejar intervenções que ajudem a avançar nesse processo. Para as autoras, “a

criança aprende observando, experimentando e refletindo sobre o que escreve e lê” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 27), o que reforça a importância de o professor estar atento a essas produções e interpretá-las como parte do processo de aprendizagem. Assim, mais do que ensinar letras e sílabas, o educador precisa criar condições para que a criança pense sobre a escrita, compreenda suas funções e reconheça seu uso social.

Nos anos iniciais, a relação entre professor e aluno é essencial, pois o modo como o docente organiza o ambiente de aprendizagem influencia diretamente na motivação, na curiosidade e na confiança das crianças. Martins Filho et al. (2012) destacam que o professor é o grande articulador do processo de alfabetização, sendo responsável por planejar atividades que despertem o interesse e o envolvimento dos alunos. Segundo os autores, “a atuação do professor deve ser pautada por observação constante, escuta sensível e intervenções intencionais que promovam o desenvolvimento das capacidades leitoras e escritoras” (MARTINS FILHO et al., 2012, p. 49). Isso significa que o educador precisa conhecer cada aluno individualmente, valorizando seu ritmo, suas dificuldades e seus avanços. Dessa forma, a prática docente torna-se mais humanizada e eficaz, pois considera o aluno como sujeito ativo e participante do processo educativo.

Além de ser um mediador do conhecimento, o professor também exerce uma função formadora, pois contribui para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Batista (2022) amplia essa visão ao afirmar que o papel do professor na contemporaneidade vai além do ensino do código escrito. Ele deve promover experiências de letramento que integrem diferentes linguagens e tecnologias, preparando o aluno para atuar de maneira crítica e criativa na sociedade. Para o autor, “a atuação docente nos anos iniciais precisa estar conectada às transformações sociais e culturais do mundo atual, integrando práticas de leitura e escrita significativas, contextualizadas e abertas à diversidade” (BATISTA, 2022, p. 104). Assim, o professor não apenas ensina a ler e escrever, mas forma cidadãos conscientes e capazes de interagir com as múltiplas formas de comunicação presentes no cotidiano.

A formação e o compromisso do professor também são fatores determinantes para o sucesso do processo de alfabetização. Um docente bem preparado, que reflete sobre sua prática e busca constantemente novos conhecimentos, é capaz de adaptar suas metodologias





às necessidades reais dos alunos. Ferreira e Teberosky (1999) ressaltam que o professor alfabetizador deve assumir uma postura investigativa, observando as produções das crianças e

compreendendo os significados que elas atribuem à escrita. Essa atitude favorece uma prática mais crítica e reflexiva, em que o educador não apenas transmite conteúdos, mas aprende com o processo de ensino. Da mesma forma, Martins Filho et al. (2012) reforçam que o professor precisa estar em constante formação, pois a alfabetização é um campo dinâmico e desafiador, que exige atualização teórica e sensibilidade pedagógica para lidar com diferentes realidades.

Dessa maneira, o professor nos anos iniciais é muito mais do que um transmissor de conhecimento: ele é um guia, um incentivador e um mediador de aprendizagens. Sua postura ética, afetiva e pedagógica influencia diretamente no desenvolvimento das crianças, que aprendem com segurança e confiança quando se sentem acolhidas e valorizadas. Batista (2022) enfatiza que a prática docente deve ser planejada com intencionalidade e propósito, levando em conta os contextos culturais e as experiências de vida dos alunos.

Portanto, o sucesso da alfabetização depende não apenas dos métodos utilizados, mas, sobretudo, da sensibilidade, do compromisso e da capacidade do professor de transformar o ambiente escolar em um espaço de descobertas e aprendizagens significativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível identificar diferentes dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de alfabetização. A análise dos dados permitiu a construção de três categorias principais: (1) desinteresse e baixa motivação dos estudantes, (2) defasagem no desenvolvimento da consciência fonológica e do reconhecimento do sistema alfabético e (3) fatores estruturais e pedagógicos que impactam o processo de ensino-aprendizagem.

Durante as atividades de leitura e escrita, observou-se que parte significativa dos alunos apresentava baixa participação e envolvimento nas propostas pedagógicas. Muitos se mostravam desmotivados diante das tarefas escritas, o que dificultava o avanço na construção das hipóteses sobre o sistema de escrita. Esse comportamento pode ser associado tanto à





ausência de experiências prévias significativas com a linguagem escrita quanto a práticas pedagógicas pouco contextualizadas, que não dialogam com os interesses das crianças.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança aprende de forma ativa e construtiva, reorganizando constantemente suas hipóteses a partir de experiências significativas. Quando as propostas escolares não estimulam a reflexão e a curiosidade, o aluno tende a se desinteressar, comprometendo sua aprendizagem. Além disso, Carlos Batista (2022) destaca a importância de práticas pedagógicas que incorporem elementos do cotidiano das crianças e diferentes linguagens, especialmente em uma sociedade marcada pelos multiletramentos, de modo a tornar a alfabetização mais atrativa e significativa.

Outra dificuldade recorrente observada foi a heterogeneidade no nível de domínio da língua escrita. Alguns alunos demonstravam avançar no reconhecimento de letras e sílabas, enquanto outros ainda apresentavam dificuldade em associar fonemas e grafemas, comprometendo a fluidez na leitura e na escrita. Essa disparidade se relaciona diretamente com as oportunidades diferenciadas de acesso à linguagem escrita antes da entrada na escola, revelando desigualdades sociais e culturais que interferem no processo de alfabetização.

Conforme afirmam Ferreiro e Teberosky (1999), a criança chega à escola com hipóteses próprias sobre a escrita, construídas a partir de suas experiências sociais. Quando essas experiências são escassas ou inexistentes, o processo de alfabetização tende a ser mais lento e desafiador. Por isso, é essencial que o professor desenvolva estratégias de ensino diferenciadas e intervenções pedagógicas intencionais, considerando o ritmo e a necessidade de cada estudante.

Além das dificuldades de ordem individual, foi possível constatar problemas de natureza estrutural e pedagógica, como falta de continuidade nos métodos de ensino, escassez de materiais pedagógicos adequados e ausência de práticas diversificadas. Em algumas turmas, a prática docente baseava-se em atividades repetitivas e pouco contextualizadas, com foco excessivo na cópia e na decodificação mecânica, o que limitava a compreensão do uso social da leitura e da escrita.

Para Magda Soares (2022), alfabetizar não significa apenas ensinar a decodificar palavras, mas inserir o aluno nas práticas sociais de leitura e escrita — ou seja, alfabetizar letrando. Quando a escola desconsidera o contexto sociocultural dos estudantes e adota





práticas homogêneas, tende a reforçar desigualdades já existentes e dificultar a aprendizagem significativa. Além disso, a formação docente aparece como elemento central: professores que possuem uma prática reflexiva e fundamentada em teorias construtivistas e

sociointeracionistas têm mais condições de adaptar suas estratégias às necessidades reais da turma.

Altino José Martins Filho et al. (2012) ressaltam que o professor alfabetizador deve atuar com intencionalidade pedagógica, planejando intervenções que valorizem os conhecimentos prévios dos alunos e promovam avanços em suas hipóteses de escrita. Assim, o êxito no processo de alfabetização está diretamente relacionado à qualidade da mediação docente, ao planejamento pedagógico consistente e à disponibilidade de recursos adequados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo deste relato evidenciaram que as dificuldades no processo de alfabetização nos anos iniciais estão relacionadas a múltiplos fatores, que vão desde as desigualdades de acesso prévio à linguagem escrita até limitações nas práticas pedagógicas adotadas em sala de aula. As situações observadas no contexto do PIBID demonstraram que o desinteresse e a defasagem dos alunos não são consequências de incapacidade individual, mas de condições de ensino que, muitas vezes, não consideram o ritmo, as hipóteses e os conhecimentos prévios das crianças.

Os referenciais de Ferreira e Teberosky (1999), Soares (2022), Batista (2022) e Martins Filho et al. (2012) reforçam que alfabetizar exige mais do que ensinar o código escrito: requer compreender o aluno como sujeito ativo, capaz de elaborar hipóteses e construir saberes a partir de experiências significativas. Nesse sentido, constatou-se que práticas homogêneas e descontextualizadas tendem a acentuar as dificuldades, enquanto intervenções planejadas com intencionalidade pedagógica promovem avanços consistentes no processo de aprendizagem.

Dessa forma, conclui-se que o êxito da alfabetização depende diretamente da qualidade da mediação docente, do planejamento sensível às singularidades de cada aluno e da valorização das práticas sociais de leitura e escrita no ambiente escolar. Investir em estratégias que articulem alfabetização e letramento, respeitando o tempo e a trajetória de



cada criança, configura-se como caminho essencial para garantir o direito à aprendizagem plena.



REFERÊNCIAS

BATISTA, Carlos (org.). Alfabetização, letramentos e multiletramentos: conceitos e exemplificações na contemporaneidade. Itapiranga: Schreiber, 2022. E-book, 270 p. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/555094>. EISBN: 978-65-89963-40-0.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MARTINS FILHO, Altino José et al. Alfabetização e letramento: caderno pedagógico. Design instrucional de Ana Cláudia Taú. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012. 132 p. ISBN 978-85-64210-47-9.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2022.

